

# Sussurros da Alma



· pramatha



SANDRA VERONEZE  
*Organizadora*

# Sussurros da Alma

São Paulo  
Pragmatha  
2025

Pragmatha Editora  
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze  
Identidade Visual: Pragmatha  
Diagramação: Nieli Blota Martins

Copyright: Pragmatha  
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial  
sem a expressa autorização.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte  
S964 Sussuros da alma /Sandra Veroneze, organizadora – Porto  
Alegre: Pragmatha, 2025.

118 v. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-8434-280-8

(v. 1)

1.Poesia brasileira. 2.Literatura brasileira – Poesia. 3.Antologias. 4.Vida.  
I.Veroneze, Sandra.

CDU 869.0(81)-1  
869.0(81)-1(082.2)  
CDD 869.917  
869.9108

Catalogação na publicação:

# Sumário

## **Prefácio**

09

## **Cláudio Reguly**

- 11 *Sobre Poesia*
- 12 *Tristeza*
- 13 *Martírio*
- 14 *Tratador de galinhas*
- 15 *Malogro*
- 16 *Feito Criança*
- 17 *Descubra*
- 18 *O desenvolvimento*
- 19 *Marcela- do-campo*
- 20 *Fuga*

## **Cleia Drose**

- 21 *Fugaz*
- 22 *Viagem*
- 23 *Essência*
- 24 *Adição*
- 25 *Gran finale*
- 26 *Busca*

- 27 *Corpo a corpo*
- 28 *Intervalo*
- 29 *Insensatez*
- 30 *Reinvenção*

### **Luiz Nicanor**

- 31 *Os sonhos*
- 32 *Incerteza*
- 33 *Odor di femina*
- 34 *Em legítima indefesa*
- 35 *Sonho incompleto*
- 36 *Bilhete a Fernando Pessoa*
- 37 *Paradoxo do amor*
- 38 *Perda iminente*
- 39 *Paradoxo da lua*
- 40 *Eu, pecador*

### **Marilu F Queiroz**

- 42 *Contraste*
- 43 *O tema*
- 44 *Renascer*
- 45 *O meu outro lado*
- 46 *Amigos são tesouros*
- 47 *Introspecção*
- 48 *Olhando para o céu*
- 49 *Paz*
- 50 *A minha música*
- 51 *Caminho*

### **Edmilton Bezerra Torres**

- 52 *Amor que embriaga*
- 53 *Dádiva*
- 54 *Desprezo*

- 55 *Estágio da loucura*
- 56 *Instável*
- 57 *Lembranças*
- 58 *Meia-noite*
- 60 *Natureza – O ciclo*
- 61 *O império dos deserdados*
- 62 *O palhaço*

### **Ermindo Gomes Rocio**

- 63 *A vida e a cor*
- 64 *A vida e a lâmina*
- 65 *A vida e o perfume*
- 66 *Doce abelha*
- 67 *Rápido olhar*
- 68 *A vida e trejeito*
- 69 *Nós e o delírio*
- 70 *Nós e tuas curvas*
- 71 *Seu corpo*
- 72 *Divino*

### **Carlos Hahn**

- 73 *Indelevelmente*
- 75 *Noite de vigília*
- 77 *Os joões*
- 79 *Meu mundo virou fumaça*
- 80 *Ana Terra, Pedro missioneiro*
- 82 *Eu acredito num mundo plano*
- 83 *A força da poesia*
- 85 *A felicidade é uma canoa*
- 86 *Atores mambembes*
- 88 *Abelhas africanas*

### **Giovana Schneider**

- 90 *O grito triste*
- 91 *Mamãe*
- 92 *Sertaneja*
- 93 *Amor & vida*
- 94 *Belo acessório*
- 95 *Haicai*
- 96 *Raios e trovões*
- 97 *Vid@ human@*
- 99 *Um ser especial*
- 100 *Vivendo a cada dia*

### **Maria Clara Rosa**

- 90 *Versar*
- 92 *Mãe*
- 93 *Pássaro sestroso*
- 94 *Bordando recomeços*
- 95 *Florescer 2*
- 97 *Memória prateada*
- 99 *Palavras perfumadas*
- 100 *A rua menina*

### **Daiçon Maciel da Silva**

- 101 *Lagoa dos Barros, Capital Viva da Esperança*
- 103 *Santo Antônio da Patrulha, 200 anos*
- 105 *Nossa Terra, Nossa Gente*
- 107 *Mulher, a Mais Linda das Caminhadas*
- 109 *O Rio Grande e as enchentes*
- 112 *Diversidade*

## Prefácio

Este é um livro que pede calma, pausa, silêncios. Ele não nasce de palavras, mas de sussurros. É o espaço da entrelinha, da subjetividade, que conta e canta o que vem da alma. Porque assim é a poesia. Ela não se impõe, não grita. Não desta vez. Aqui, ela se assemelha ao rio que, em sua sabedoria, desde a nascente vem observando, aprendendo e se adaptando ao caminho, para cada vez ficar mais forte, pleno, pujante, e então se integrar ao mar, ao todo.

“Sussurros da Alma” não é uma carta, mas um bilhete. Não é uma sinfonia, mas um breve dedilhado ao violão. É a casinha no campo que a cada estação experimenta uma luz diferente e faz morada para o simples do cotidiano. Este livro chega como um toque leve, suave, que honra as delicadezas.

O convite é para uma leitura pausada, sem pressa, à moda dos antigos sábios, que para cada minuto de leitura dedicavam mais nove à reflexão. Porque é neste espaço que a vida acontece, que a alma se encontra e vibra. É porque foi com esta entrega que cada um dos poetas escreveu e (talvez) reescreveu cada verso.

Desejo uma excelente leitura

Sandra Veroneze  
Pragmatha



## *Sobre Poesia*

*Cláudio Reguly*

Gosto da poesia  
que nasce  
sem hora marcada,  
um tanto desajeitada,  
trombando em tudo e todos  
por onde passa,  
criatura bizarra,  
insolente,  
que nem sempre aceita  
as convenções impostas  
pela hipócrita sociedade,  
e que livre segue  
na correnteza urbana das calçadas,  
gratitando belos poemas  
nos muros e fachadas da cidade.

## *Tristeza*

*Cláudio Reguly*

Quando me ponho triste,  
tento camuflar o dia  
e enganar a dor,  
sufocando sem dó nem piedade  
qualquer pensamento constrangedor,  
enquanto a alma se disfarça  
em trajes de palhaço  
e segue perambulando  
pelas calçadas,  
contando pra quem passa  
uma porção de anedotas  
e piadas sem graça.

## *Martírio*

*Cláudio Reguly*

Tem dias  
que até aguento  
e saudades tuas  
moram longe,  
noutros  
toma conta,  
invade o peito  
e martiriza os pensamentos.

## *O tratador de galinhas*

*Cláudio Reguly*

Debulhando a vida  
como quem tira grãos  
de uma espiga,  
a cada grão uma escolha,  
a cada grão minha sina,  
arremessados a esmo  
no terreiro da existência,  
entretendo o tempo  
feito um menino  
tratador de galinhas.

# *Malogro*

*Cláudio Reguly*

Uma sociedade caótica  
estupra a poesia  
e extermina os poetas,  
condenando de maneira  
indiscriminada a evolução  
das metáforas da vida.

## *Feito Criança*

*Cláudio Reguly*

O ser humano  
na sua fase adulta  
é mesmo um ser complicado,  
que por pouco, ou por nada,  
se queixa, inflama,  
esbraveja feito criança  
que não cabe mais na infância.

## *Descubra*

*Cláudio Reguly*

Há vagas abertas  
em nossas vidas  
para os poetas.  
Descubra  
o quanto antes  
que a melhor poesia  
está no tempo dedicado  
às boas conversas.

## O desenvolvimento

*Cláudio Reguly*

Depois de seis meses,  
aprendeu a engatinhar,  
com doze meses  
já ficava em pé,  
daí por diante  
começou caminhar  
e a superar  
o fim do relacionamento.

## *Marcela- do-campo*

*Cláudio Reguly*

Queria te encontrar no campo  
em plena santa sexta-feira,  
diante do arbusto amarelo  
repleto de flores pequenas.  
Abençoada seria a colheita,  
e pouco tempo me bastaria  
pra colher em mim  
o suficiente da tua companhia.

# *Fuga*

*Cláudio Reguly*

Desconfio  
que as roupas  
que não uso  
aprisionadas  
no armário  
estão tramando  
uma fuga.

# *Fugaz*

*Cleia Dröse*

Não me peçam  
escritos importantes,  
tratados de paz,  
soluções para problemas  
que eu não criei.  
Fugaz é a vida,  
fugaz é o beijo,  
eterna, a lembrança.  
Já o sopro se vai,  
o alento se extingue,  
já apenas um recuerdo  
entre tantos outros  
guardados nos corações  
enquanto a alma sussurra  
que eterno é o amor.

# Viagem

*Cleia Dröse*

O trem segue,  
desabalada carreira.  
Haverá trilhos?  
Talvez não...  
Pelas janelas,  
passam borrões,  
arremedos de vida  
que a velocidade distorce.  
Onde, o maquinista?  
O condutor se demitiu,  
saltou na última estação.  
Seguimos, destino incerto,  
equilíbrio imperfeito,  
enquanto a locomotiva  
se desintegra pouco a pouco.  
Apenas a alma segue sussurrando  
entre destroços de um trem inexistente.

## Essência

*Cleia Dröse*

Vestidos de ilusões,  
percorremos caminhos,  
optamos por atalhos,  
enfrentamos trilhas  
em busca de afetos.  
Há silêncios gritantes  
em meio à opressão  
de estridentes ruídos  
desta selva de pedra.  
Há que se despir das fantasias,  
expor a nudez da alma  
para encontrar nossa essência?  
Ou ouvir sussurros inaudíveis  
da alma que clama por afeto?

## Adição

*Cleia Dröse*

Uma vertigem interior agita humanos  
em meio a tarefas e metas  
de uma vida sem nexos.  
Onde, a rebeldia da juventude?  
Onde, os sonhos acalentados?  
Tudo é ruído,  
nada é som  
para moldar as almas  
em busca de oráculos  
que apontem caminhos.  
Os deuses sumiram,  
expulsos do próprio paraíso  
hoje habitado por algoritmos  
a ditarem regras e comportamentos.  
Perdidos na vertigem coletiva,  
já não cremos, nem esperamos;  
sobreviventes do caos  
seguimos, tontos e sedentos,  
esquecidos da alma  
que ainda sussurra  
palavras de amor.

## Gran finale

Cleia Dröse

Há um mistério no ar...  
Talvez um prenúncio de algo assustador.  
Ou de uma bênção  
para quem caminha ébrio  
pelas margens da vida.  
Há um mistério no silêncio que grita  
e na alma que apenas sussurra.  
Nas imagens distorcidas,  
espelhos quebrados  
a representar realidades disformes.  
Há mistérios insondáveis  
que já não buscamos decifrar  
por acomodados  
ou exaustos de tantas batalhas.  
Até que algo novo aconteça  
e coloque o mistério  
no centro do palco  
e já não possamos ignorar o *gran finale*.  
Neste dia, não esqueça de me chamar.  
Quem sabe ainda possamos ouvir  
o que nossas almas sussurram  
mutuamente, através dos séculos.

## *Busca*

*Cleia Dröse*

Para além dos prédios  
há campos, matas, rios e montanhas.  
Para além do ruído  
há som, música, harmonia... silêncio!  
Silêncio...  
Haverá maior harmonia  
de que estar lado a lado, em silêncio,  
dispensar o som das palavras  
e falar de alma pra alma?  
Ouvir o som do Uni-verso  
que habita em nós,  
libertos do caos,  
rumo ao infinito?  
Talvez seja este o amor que se busca...  
Em vão!

## Corpo a corpo

*Cleia Dröse*

Sobreviventes do caos,  
vagamos perdidos  
entre escombros emocionais.  
Escapamos, diriam alguns.  
Mas a que preço!  
O corpo segue vivo,  
organismo funcional,  
mas a alma...  
esta sofre as contingências do vírus.  
Perderam-se amores,  
laços cortados,  
vínculos desfeitos.  
Como entender  
que já não somos os mesmos,  
transformados, tecnizados,  
ocupados apenas em sobreviver,  
não ser contaminado, resistir, superar.  
Já não se busca o outro.  
O humano substituído pelo virtual,  
pelo boneco de silicone,  
pelas relações líquidas.  
Enquanto isso,  
a alma sussurra e suplica  
por um corpo a corpo real.

## *Intervalo*

*Cleia Dröse*

Há tempo para tudo.  
Tempo de ir para a linha de frente,  
enfrentar as batalhas  
e tempo de tratar das próprias feridas.  
Há também que reservar tempo  
para ouvir os sussurros da alma.  
Um intervalo entre o inferno e o paraíso.  
Vagar entre estrelas e vácuo.  
Entre furacão e calmaria.  
Encontrar o outro, encontrando a si mesmo.  
Não somos tão distintos, ao contrário.  
“Somos um parecido”, basta olhar  
com os olhos da alma.  
Todos curando feridas,  
e, apesar do medo,  
fugindo do caos.

# *Insensatez*

*Cleia Dröse*

Minha mãe me pariu por vez primeira.  
Depois aprendi  
a me parir por conta própria.  
Nascer dói.  
Tomar alento dói.  
Dói abandonar um sonho e se reinventar.  
Tomar decisões dói muito.  
Ouvir os sussurros de nossa alma  
pode ser muito doído.  
Ela sabe de nossos fracassos,  
das tentativas frustradas,  
da nossa falta de empenho.  
Ela, a alma, na sua condição de eterna,  
não necessita ser parida.  
Deixa ao corpo este trabalho de reconstrução.  
O corpo, em sua insensatez,  
não escuta os sussurros da alma  
que ainda insiste  
em lhe indicar caminhos.

## Reinvenção

*Cleia Dröse*

A cada manhã, reinvento a vida  
como quem alimenta um moribundo.  
Com parcimônia, cultivo sonhos pequenos  
porque, a um moribundo,  
o excesso de alimentos pode matar.  
Pinto de azul meu céu cinza chumbo  
e escrevo esperança em verde musgo.  
Há que se colorir o cenário  
de uma vida em constante reinvenção,  
ainda que lágrimas invisíveis insistam  
em irrigar alma e coração  
e os ruídos da estática  
abafem os sussurros da alma.

# Os sonhos

*Luiz Nicanor*

Em vigília  
sonhos borbulham  
nas antenas

o sono  
polvilha sonhos  
nos porões

a fama  
justificativa falsa  
da cama

a fama  
é maravilhas  
o esforço maravilha

o sonho fugaz ou lento  
perpetua insone  
um intelecto

na transmutação o sono  
anula os sonhos  
à disposição do vento.

## *Incerteza*

*Luiz Nicanor*

Por que é tão difícil morder a polpa da maçã?  
e do mesmo modo ter os sumos extraídos?  
Será por que a maçã sugere o mito do pecado  
e lembra a carne lúbrica no delírio condenado?

Por que é tão difícil o orgasmo legítimo?  
Muitos só garimpam nos despojos espúrios.  
Será pelo fascínio de praticar o proibido  
ou por que o legítimo só existe na quimera?

Por que o legítimo é limitado por reservas  
– o proibido escancara todas as portas.  
Como aceitar a matemática do desejo  
e viver em plenitude a potência dos sentidos?

## *Odor di femina*

*Luiz Nicanor*

O cheiro do corpo asseado!  
Ah! Se há do corpo linguagem de fato:  
ato tão primitivo, ativo e singelo  
sem gelo ao fogo do nariz  
do cariz afogado na raiz que se arrisca  
à risca das ânsias às reentrâncias  
que se entra com os sentidos em riste  
tidos como as antenas do contato  
com tato visão ouvido e gosto  
o tato separa, aperta, comprime  
imprime a visão do cenário  
incendiário que nada cessa  
acessa e a cena sorri no arrepio  
arredio do longo e persistente pavio  
que arremete ao som do olfato  
aspirado nos cantos gritantes dos recantos  
fatais da pele que impele e repele  
e incita à gula que desperta  
de perto o ângulo que se expande  
esperto num orgasmo agudo  
no espasmo de todos os sentidos  
na luta bruta anestésica e sinestésica  
da perplexidez enigmática e assaz indecifrável.

## *Em legítima indefesa*

*Luiz Nicanor*

Meu revide  
é em legítima indefesa  
tendo a tua indiferença  
servida no cálice da distância  
certo de não me realizar  
aceito por passatempo  
quem oferece o que me negas  
um pouco que seja de carinho  
a minha alma indefesa  
sem teu beijo por cuidado  
de fechar minha chama acesa  
presa de conduta condenável  
porém sabendo de antemão  
que meu gesto será absolvido  
no tribunal da desventura  
como em legítima indefesa

## *Sonho incompleto*

*Luiz Nicanor*

A bolha do meu sonho espocou:  
só consigo imaginar os teus braços  
em contato com meu corpo  
em ternos e demorados abraços.

Recordando tudo o que sonhei  
o ar que respiro traz teu hausto  
imagino tu junto a mim  
meu lábio pende exausto  
minha imaginação titubeia  
dilui o esboço da recordação  
mas não consigo reconstruir a ideia  
pois é impossível criar na mente  
os beijos que eu nunca tive.

## *Bilhete a Fernando Pessoa*

*Luiz Nicanor*

Caro poeta Fernando Pessoa  
tu deixaste o teu amor  
mas criaste uma obra imortal.

Só o fato de te sentires amado  
pela tua Ofelinha, no teu dizer carinhoso,  
apacou teu coração da carência.

Quantos poetas gostariam  
de uma glória como a tua  
mas ficaram pranteando a perda  
misturando sal na poética  
gerando um caldo insosso  
e o tempo foi perdido.

Talvez outros realizassem  
o amor de suas vidas  
pelo convívio com a amada  
e os acordes vivos do coração  
esquecendo a glória da posteridade  
num bueiro de sucatas.

Portanto, meu caro poeta  
parece que não existe  
mesmo para os heterônimos  
cada um com sua verdade  
uma quarta possibilidade.

## *Paradoxo do amor*

*Luiz Nicanor*

Depois de tanto viver um amor irrealizado  
te amando no fervor da febre e da paixão  
na brasa da insônia do desejo imaterializado  
que se expande em cada noite de solidão

percebo que nada vai mudar do nosso estado:  
é notório como nos domina o coração  
é inútil apenas viver o sonho abandonado  
se os destinos se bifurcam na bruma da ilusão

Assim me curvo e dispenso o bálsamo de sonhar  
mas de ti o meu amor imenso jamais desiste  
pois aprendi de vez a tal perda suportar

Descubro que tu continuarás sempre a minha fada  
mesmo tu longe o meu fiel amor persiste  
te vendo em outros braços plena e realizada

## *Perda iminente*

*Luiz Nicanor*

Estou ancorado numa pedra de gelo  
o frio na alma é feroz e intenso  
a ponta da âncora está aprisionada  
minha vida queima na fogueira gelada

o mar, carrancudo, a minha volta, é revoltoso  
ninguém – é o mais provável – virá me socorrer  
é um encontro brotado do imprevisto  
a questionar por que é mesmo que eu existo

consigo romper um pouco do peso do gelo  
meu apelo mudo parece comover algum tímpano  
mas nada que se possa revelar em salvação:  
o deserto é um signo fatal da solidão.

## *Paradoxo da lua*

*Luiz Nicanor*

Saio pela madrugada em noite de lua exposta  
a lua me vê triste e dá-me salada de tomate  
estranho aquele episódio, pois a lua me desgosta  
em lugar de tomate por que não fatia de abacate?

Que tem a ver esta estranha ação tão descomposta  
talvez que eu, na minha privança de tí, pacífico acate  
pois os fados assim quiseram; me foi imposta  
não cabe ao meu rígido ser que o desânimo o abate

Pode ser que pelos ínvios caminhos do escuro  
fugindo do olho severo ou atônito da lua  
eu sinta um prazer oculto em ver um muro

Reviso as memórias na tralha que extenua  
e sem perder de vez o sentimento puro  
te vejo como da primeira vez que te vi nua!

# *Eu, pecador*

*Luiz Nicanor*

De pecador para Criador  
eu Te confesso, meu Pai  
o dilema do meu pecado:  
deixei passar tanta oportunidade  
tanto contato de corpos  
em nome da castidade  
ou cometi exageros  
dando azo à volúpia  
em muita permissividade?  
Tenho dúvidas, meu Pai  
onde está o verdadeiro pecado:  
deixar o corpo a purgar  
sem os delírios necessários  
ou os delírios todos procurar?  
Fico na dúvida, meu Pai  
talvez ambas as situações fujam  
do critério da normalidade  
mas no entanto parece  
que esperar a transmutação do corpo  
negando-lhe o prazer de outro corpo  
seja um pecado inominável  
Não seria o mais certo acender  
mesmo com algum retardo  
todos os estopins do corpo  
e permitir sempre explodir o petardo  
na coesão dos humanos contatos  
ou deixar de lado tanto donativo  
como uma pretensa luxúria  
esquecido do prazer de viver  
até o horizonte desaparecer  
sem estas dádivas jamais se colher?

# Contraste

*Marilu F. Queiroz*

No contraste dessas cores tão lindas,  
sinto a essência da vida e suas nuances.  
O brilho cintilante das folhas ao sol,  
causa o mistério das sombras na noite.

Sinto a imensidão do mar e céu,  
que sugestiona e invoca sentimentos.  
Fantasia e o meu olhar atento induz...  
A cada onda ter um novo pensamento.

Que imensidão é essa que me envolve,  
e impulsiona sentimentos controversos...  
Entre a calma e a feroz tempestade,  
acontece a dança de emoções sem fim.

O sol brilhante, que se põe lânguido e lento,  
pinta devagar o horizonte de laranja e ouro...  
Aos poucos lá no alto a lua surge tímida  
e estende seu manto prateado de sonhos.

Nesse pleno contraste entre o dia e a noite...  
Encontro a beleza do instante efêmero,  
onde a vida revela múltiplas tonalidades,  
e meu coração tão passivo contempla.

# O tempo

*Marilu F. Queiroz*

Na dança das horas, é onde o tempo flui...  
Como rio que segue, não para nem recua.  
Cada instante vivido, um tesouro que reluz,  
a memória do ser, onde tudo continua.

O tempo é mestre, paciente e sagaz,  
nos ensina a esperar, crescer e mudar.  
Em cada estação, sua beleza se faz...  
ritmo eterno da vida, sem nunca parar.

A juventude é breve, um sonho a passar...  
Carrega consigo promessas e esperanças.  
No tempo, as lembranças começam dançar  
e o futuro desponta em novas andanças.

Velho sábio, o tempo tudo vê e compreende.  
Traz consigo paz e a serenidade de um olhar,  
no seu compasso é quando a vida se estende...  
Onde o coração aprende a amar e aceitar.

Assim, no ciclo infinito que ora nos guia,  
o tempo tece histórias de amor e saudade.  
Fica a lição de que a vida é sempre magia,  
e o tempo, o fio que borda uma eternidade!

## *Renascer*

*Marilu F. Queiroz*

Toda vez que o outono chega,  
me dispo das flores primaveris...  
Amarelo as minhas folhas  
avermelho os meus jardins.

A cada folha que cai de mim...  
São sensações do frio que intimida.  
São vestes quentes que agasalham  
minha alma, pensamento e vida.

Se a cada outono tudo acontece  
a ponto de me impregnar,  
na quentura do café que apetece...  
A doçura do chocolate quente,  
o gosto do quero mais, sempre!

Nessa estação, quando anoitece  
A escuridão provoca em mim  
a vontade que nunca se acaba,  
desse ano chegar logo ao fim,  
só para eu renascer no outono!

## O meu outro lado

*Marilu F. Queiroz*

Todos temos um outro lado...  
O meu é azul escuro  
na escala dos azuis é índigo.  
Sou azul total, geral,  
minha cor favorita.

Às vezes sou neutra,  
cujos tons são cinza...  
Outras sou rosa, quase roxo.  
Cores frias, cheias de mistério,  
ao mesmo tempo, atemporal.

Outras vezes sou verde escuro  
cor das sombras, infinitude...  
A mistura da cor com o preto.  
Não sou escuro total, afinal  
meu lado inverso tem certa luz.

Se quando o azul da alma  
fala mais alto, quase grita...  
Amarelo, como tantos outros.  
Sou mutante de todas as cores,  
simplesmente humana!

## Amigos são tesouros

*Marilu F. Queiroz*

Amigos são estrelas que brilham ao luar...  
Encontro de almas que só sabem se amar.  
São vozes que ecoam em um só coração,  
um vínculo sincero de uma conexão eterna.

Nos momentos difíceis, são porto seguro...  
Embarcação que nos leva além do escuro.  
Com risos e lágrimas, o caminho partilha,  
transformam solidão no mais puro carinho.

Cada amigo é um tesouro super raro...  
Mais valioso que ouro, pedra preciosa.  
São presentes da vida, de imenso valor,  
não importa a distância, o tempo passar.

Amizade sincera é o amor que floresce,  
uma chama que arde e jamais se apaga.  
É cuidar do outro, se importar de verdade,  
um laço divino, da mais pura lealdade.

Tesouro enfim, que enriquece a alma...  
Amizade é paz, luz que irradia e acalma.  
São capítulos da vida, escritos a mão.  
Amigos são dádivas, pura emoção!

## *Introspecção*

*Marilu F. Queiroz*

Cada vez que me disponho  
a sonhar, criar ilusões...  
Questionar o hoje e o ontem...  
Redimensiono atitudes  
e só faço inibir o amanhã.

Cada vez que me disponho  
a refletir acerca de mim...  
Possibilito decidir o hoje,  
questionar o meu ontem  
e sonhar o amanhã, de manhã!

Cada vez que me disponho  
a decidir, tomar atitudes...  
Me inclino a seguir em frente.  
Pois a questão maior da existência  
é viver a vida como ela é...

O que importa é o presente!  
Simplesmente... simplesmente!

## *Olhando para o céu*

*Marilu F. Queiroz*

Olhando para o céu...

Imagino o infinito sempre tão fortuito...

A condensação de desejos humanos  
nessa vida tão corriqueira, cujo intuito  
é seu despertar transitório e tardio.

Olhando para o céu...

Vejo a solicitude humana inacabada,  
dos meus dias frios e tão insensos...

O descaso, nessa solidão é demonstrada,  
na total vermelhidão do meu rosto.

Olhando para o céu...

Sinto a alma vazia, tranquila esvoaçar  
no mínimo vestígio que sobrou do dia.

A tez pálida, esbranquiçada da tímida lua,  
na ausência da luz vem se apresentar.

Olhando para o céu...

Vejo tão vazio o mundo que eu habito  
e solitário como as sombras da noite.

Portanto, reconstruo bem dentro de mim,  
a energia perdida e me lanço no infinito.

# Paz

*Marilu F. Queiroz*

A paz que eu quero ter  
não provém de perdas ou solidão.  
Nem detém diante dos obstáculos da vida,  
ou me contém, distorce, denigre.

A paz que eu quero ter  
é oriunda da imersão de pensamentos,  
não dos descasos, dos casos banais, rituais...  
Que povoam quase toda humanidade.

A paz que eu quero ter  
é uma questão de vida, sentida...  
Uma distração de sentidos omissos,  
a disparidade de opiniões, sensações.

A paz que eu quero ter  
não se desfaz com pouca coisa...  
Ela é firme, fremente, semente forte  
plantada em terra firme, não oprime.

Enfim, a paz que eu quero ter todos querem...  
É complacente, clemente.  
Só dignifica e clarifica a alma da gente!

## *A minha música*

*Marilu F. Queiroz*

A música que trago dentro de mim...  
Me move, comove, descreve  
recebe emoções, intuições, intenções.  
Me faz treinar o desapego,  
saúde e boa dose de caridade.  
Essa música me faz dançar o seu ritmo.  
Aparece em meus sonhos  
some de dia e me faz ouvi-la de noite.

A música que trago dentro de mim...  
É fantástica, entusiástica, elástica,  
se estica de acordo com a conveniência,  
aparente clemência na eminência  
de se acabar bem antes de ouvi-la.  
Mas se abro os olhos assim que termina...  
Sonhos os meus sonhos passados  
e sinto as dores de outrora.

A música que trago dentro de mim...  
É imortal, me faz sorrir, abre meu coração  
de modo fatal, questão da vida atual.  
Se manifesta em meus pensamentos,  
são fragmentos de vidas passadas.  
Ela não se vai de forma usual ou imaterial.  
Persiste, insiste e ainda assim existe  
para me fazer sonhar e ser feliz!

# *Caminho*

*Marilu F. Queiroz*

Caminhando...

Meu pensamento  
percorreu passado, presente...  
Tentando achar no futuro,  
um lugar onde possa repensar  
o meu mais profundo querer.

Caminhando...

Refleti por quilômetros,  
toda a minha inquietude.  
Refiz projetos, desejos, sonhos.  
Redefini meu querer.

Caminhando...

Segredos descobri...  
É mais simples imaginarmos,  
o dia a dia, determinação e amizade...  
É preciso tão pouco para viver  
e muito mais para querer.

Caminhando...

Reformulei a minha vida.  
Recuperei a minha infância perdida.  
Reorganizei a bagunça sem graça,  
em que se encontrava  
minha alma sofrida.

## Amor que embriaga

Edmilton Bezerra Torres

Uma vez do sono despertado  
A cama se tornou entediante  
Passeando a esmo pela casa  
Parei em frente à janela  
A madrugada era nevoenta e fria  
No céu, nublado, as estrelas fugiam de mim  
As luzes dos postes coloriam a neblina na rua deserta  
Só eu a observar o silêncio  
A luz do *stand by* às minhas costas  
Contrastava com a escuridão da sala  
O único som audível era da minha respiração  
Enquanto as horas transcorriam lentas,  
Pensamentos dúbios me povoavam a mente  
Enfim, a escuridão fugia, expulsa pela aurora  
Que me cumprimentou em lágrimas,  
Que escorriam pelas vidraças das janelas  
E pelos para-brisas estacionados na rua  
No quarto ao lado, a cama rangia  
Com o peso de o teu despertar  
Sentiste a minha ausência  
Pois ouvi a tua voz sonolenta a me chamar  
Voltei e me aqueci com o calor do teu corpo  
Os lençóis macios foram testemunhas do nosso amor  
Nossos olhos se contemplaram felizes  
E, aos poucos, adormeci novamente  
Acordei com os acordes da canção que ouvias  
E partilhamos a emoção daquele momento  
Cúmplices deste amor que nos embriaga.

## *Dádiva*

*Edmilton Bezerra Torres*

Um caminho se faz em passo a passo  
E nem sempre a estrada é curta e reta  
Muitas vezes a gente nem completa  
A missão, já que o tempo é tão escasso

Se a nossa missão foi um fracasso  
Por não termos cumprido a nossa meta  
A angústia fatal que nos afeta  
Faz a vida girar em descompasso

É preciso buscar uma saída  
Antes que a derrota de defina  
Imprimir outro rumo para a vida

Pois a vida é uma dádiva divina  
Quando acharmos que a vida está perdida  
Para nós, fatalmente ela termina.

## *Desprezo*

*Edmilton Bezerra Torres*

Eu já fiz para ti tantos poemas  
E já foste uma musa pros meus versos  
Nossos mundos agora estão dispersos  
Não existem mais elos, nem algemas

Pra compor não encontro mais fonemas  
Meus delírios os deixam submersos  
Quando encontro se tornam controversos  
E pra nós viram causa de problemas

Tu já foste a primeira a me aplaudir  
Te sentindo por mim representada  
O teatro onde já te fiz sorrir

Hoje em dia nem passas na calçada  
Minha arte não vai subsistir  
Se por ti ela agora é desprezada.

## *Estágio da loucura*

*Edmilton Bezerra Torres*

Viciei-me no doce de um amor  
Degustando as delícias da paixão  
Eu bebia com tal sofreguidão  
Que nem sempre sentia o seu sabor

Na luxúria atirei-me com furor  
E levei meu desejo à exaustão  
No final só restou a solidão  
De um vazio que levo aonde eu for

Como sombra que a luz, de mim, projeta  
Não me deixa, um momento, essa amargura  
Me acompanha, porém não me completa

Ao contrário, me pune e me tortura  
Meu passado até hoje me inquieta  
Meu presente é um estágio da loucura.

## *Instável*

*Edmilton Bezerra Torres*

Sou instável como o vento  
Que arranca a folha do coqueiro  
E que afaga as tenras pétalas da flor  
Que executa a fúria da natureza  
E que esvoaça os cabelos da criança  
Que remove as dunas dos desertos  
E que transporta as sementes que repovoam as matas  
Vento que ruga a ira dos deuses  
E que sussurra os segredos das fadas  
Que varre as folhas secas do outono  
E congela os píncaros das montanhas no inverno.  
Sou instável como o vento...

# Lembranças

*Edmilton Bezerra Torres*

Hoje decidi varrer a poeira do tempo  
Que embaçava as vidraças da minha alma  
E descobri um tesouro extraordinário  
Um baú de lembranças quase esquecidas  
Troféus de vitórias que não valorizei  
Uma vontade de chorar, que reprimi por vergonha  
Um pedido de perdão, abortado pela prepotência do  
orgulho  
Uma verdade aprisionada por uma mentira oportuna  
Um elogio não proferido, oculto pelas sombras da inveja  
Uma injustiça não combatida, por covardia ou por medo  
Um remorso, por omissão, mal disfarçado de rancor, para  
esconder-se da consciência  
Não posso desfazer-me deste meu tesouro  
Porque eles me fazem humano  
Também não mais os esconderei  
Limparei as minhas vidraças com mais frequência  
E tentarei conviver pacificamente com as minhas  
lembranças.

## *Meia-noite*

*Edmilton Bezerra Torres*

A solidão e a insônia me arrastaram até a varanda  
Sem saber ao certo o que encontrar  
Qualquer coisa que afastasse os meus dúbios e confusos  
pensamentos  
Na rua deserta  
Postes com lâmpadas toscas  
Projetavam sombras fantasmagóricas sobre as calçadas.  
Tendo uma brisa fria e silenciosa como companhia,  
Os meus olhos inquietos perscrutavam as sinistras  
sombrias da noite  
Na escuridão etérea  
Estrelas piscavam amedrontadas,  
Tentando escapar das nuvens negras que as devoravam  
Entre as íris dos meus olhos e o infinito  
Luzes e sombras se entrelaçavam em harmonia  
Bailando ao compasso do vento  
Que sussurrava segredos incompreensíveis  
Só as árvores pareciam decifrar,  
Pois acenavam com um balançar de folhas  
A luz de um cigarro na penumbra  
Indicava uma presença na solidão da rua  
Ensaiei um aceno tímido, logo reprimido  
E substituído por um olhar discreto e breve  
Há perigo nas esquinas, nas sombras da noite  
De repente, surge na escuridão um cão amigo

Com o rabo em festa  
E os dois se afastaram, lentamente,  
Até que as suas silhuetas fossem tragadas pela  
escuridão dos becos  
Novamente estou só  
Impelido a vagar pela rua deserta  
Indeciso, continuei imóvel  
Até que um pássaro noturno, em voo rasante,  
passou ao meu lado  
Ignorando a minha presença  
Nem um pio como cumprimento  
Por imprecisos e tediosos minutos nada acontecia  
Para quebrar a monotonia da minha espera solitária  
Pois, o que desejo, a noite não podia me dar  
Resignados, os meus olhos piscavam sonolentos,  
Determinando o fim da minha vigília  
Enquanto um relógio ao longe se fazia ouvir,  
Orquestrando as doze badaladas da meia-noite.

## *Natureza – O ciclo*

*Edmilton Bezerra Torres*

Quando nuvens revoltas sufocaram o sol  
O céu chorou  
Suas lágrimas rasgaram a terra  
Que o mesmo sol secara  
Numa enxurrada titânica  
Contra o mar em fúria  
Que, cúmplice do sol,  
Vomitara aquelas nuvens.

## *O império dos deserdados*

*Edmilton Bezerra Torres*

Abro a janela e miro a paisagem  
Contemplando o cotidiano das ruas  
Nos abrigos improvisados das marquises  
Imagens velhas se renovam todos os dias,  
Nas camas, improvisadas com jornais de ontem  
Seres anônimos enfei(t)am as calçadas  
Transeuntes, apressados, desviam passos e olhares  
Inconscientes, insensíveis, conformados  
Culpados ou inocentes, quase todos somos omissos  
Contemplando o império dos deserdados.

## *A vida e a cor*

*Ermino Gomes Rocio*

Ah! Pele negra, pérola impoluta,  
ilumina minhas noites negras,  
com a chama de quem na luta,  
não se abateu à dor das rizagras.

Teus braços é um casto ninho,  
de paz, harmonia e aconchego,  
no final do longo e árduo caminho,  
é onde eu encontro meu recheço.

Nas vestes coloridas a cor d'alma  
no braço forte e neste olhar altivo,  
seduzes nos gestos e fina calma.

Na cor de tua pele amo tua raça,  
da cor de tua alma sou teu cativo,  
Mulher Negra, me vergo à tua graça.

## *A vida e a lâmina*

*Ermino Gomes Rocio*

Lâmina de aço reluzente,  
desce solene brilhante,  
fio na carne cortante,  
sobe vermelha pungente.

Gota amarga que desce,  
entranhas abaixo fenece,  
um grito de dor estremece,  
na cor do sangue que desce.

Sol já ausente, a noite caía,  
nos seus olhos eu me perdia,  
tristeza era só o que sentia,  
pranto, e dor na alma vertia.

E assim a lâmina nos separou,  
sabor amargo da saudade ficou,  
você se foi minha vida passou,  
na boca a gota amarga restou.

## *A vida e o perfume*

*Ermindo Gomes Rocio*

Saudades são nossos momentos felizes,  
conservados no alforje do tempo passado.  
São todas as lembranças ou são só matizes,  
como lampado buquê da rosa aprisionado?

O diáfano perfume é da rosa bem sabemos,  
mas só o seu aroma no frasco está presente,  
assim também com saudades nós vivemos,  
agradável reminiscência da pessoa ausente.

Ou vivo assim ou então a viver não estou,  
só com sua ausência eu sei que não vivo,  
pois não vive rosa no perfume que restou.

Ínvios caminhos então eu vou percorrendo,  
anelos do passado no presente eu cultivo,  
e assim só do seu perfume eu vou vivendo.

## *Doce abelha*

*Ermino Gomes Rocio*

Ah! Mulher, doce mulher, abelha  
que com o seu doce mel acende,  
meu coração como uma centelha,  
doce, sublime mel que me prende.

Mulher, doce mulher, minha rainha,  
soberana de meu desejo incontido,  
ponto onde a minha razão definha,  
e meu amor encontra o seu sentido.

Louco de prazer eu bebo deste favo,  
doce abelha no corpo de uma mulher,  
aí sou zangão rompo voo, sou escravo.

Suspiros ardentes, colmeia de desejo  
onde se mistura o meu e o seu prazer,  
doce mar, que com o meu corpo velejo.

## *Rápido olhar*

*Ermino Gomes Rocio*

Nosso amor nasceu assim de repente,  
no repente, fugaz de um rápido olhar.  
Um olhar sutil, instantâneo e quente,  
quente como um doce faísca do amar.

Preenchendo todo vazio do meu coração,  
coração, a se debater descompassado.  
Descompassado, pela força da sedução,  
sedução, do amor finalmente encontrado.

A faísca na palha transformada em fogo,  
fogo alto, doce, cálido, calmo a queimar.  
Queimar, incendiando, fazendo o jogo,  
jogo gostoso, sedutor que nos faz sonhar.

Sonhar, pensar, voar como só adolescente,  
Adolescentes, no seu primo desejo carnal.  
Carnal como sol, na pele a queimar ardente,  
Ardente, inocente como ave, em voo matinal.

## *A vida e trejeito*

*Ermindo Gomes Rocio*

Molhada pela chuva forte que caía,  
a roupa justa em seu corpo colava,  
esta imagem meu coração acendia,  
na calçada ela passava, eu olhava.

Corpo esguio, a sua silhueta eu via,  
e a fria garoa um calafrio provocava,  
como há de provocar, pois eu sentia,  
coração batia quando você passava.

E então você toda molhada lá se ia,  
dengosa sabendo que eu observava,  
mais e mais trejeitos ao andar fazia.

Meu pobre amor como chuva desfazia,  
e eu tomado por esta visão ali ficava,  
imaginando mil coisas que não devia.

## *Nós e o delírio*

*Ermino Gomes Rocio*

Minhas mãos percorrem a mais perfeita geometria,  
meus olhos avistam os mais verdejantes dos vales,  
meus sentidos viajam nos mais perfumados jardins,  
meu corpo suado se banha das mais doces carícias.

É ali, onde o infinito esvaece encontrando seu fim,  
onde todas as curvas se transformam em um ponto,  
bem onde se torna tangível o triângulo equilátero,  
onde entre perfumado jardim desabrocha uma flor.

É ali, ponto futuro onde céu e terra fazem seu porto,  
onde o arco-íris se transforma em pote de puro ouro,  
bem onde o transparente riacho é nascente e pueril,  
onde tangem as cordas sutis deste gozo intangível.

Tudo isto me parece, mas não é uma doce quimera,  
é este o ponto exato onde me perco e me encontro,  
e onde entre mil desvarios me leva este doce delírio,  
quando percorro a geometria perfeita de teu corpo.

## *Nós e tuas curvas*

*Ermino Gomes Rocio*

De teu corpo, já conheço todos os caminhos,  
de tuas curvas, já conheço todos os sabores,  
de teus lábios, conheço todos os descaminhos,  
de teus amores, conheço todos os dissabores.

Sou viajante nestas panaceias de sentimentos,  
desfruto do teu bem e do teu mal sem saber,  
como posso eu vencer meus ressentimentos,  
para ter nos teus abraços um minuto de prazer.

Mas a vida me levou a te amar sem condições,  
por isto vou a tantos caprichos me envolvendo,  
e me deixando levar pelas minhas vãs ilusões.

Pudesse então neste mar meu coração afogar,  
deixaria este mundo sem mágoas e morrendo,  
meu último desejo seria meu coração te entregar.

## *Seu corpo*

*Ermino Gomes Rocio*

Por esta estrada eu percorro,  
intermináveis retas e aclives,  
sinuosas subidas e declives,  
e por vales e planícies corro.

Nas montanhas quase morro,  
joias esculpidas por ourives,  
universos de cores e querereres,  
sentidos perdidos peço socorro.

Corro, percorro, morro, loucura,  
o seu corpo como um escopro,  
me lavra sou amante sem cura.

Pudera tê-la assim sem pudor,  
entregar-me e como num sopro,  
morrer nas curvas de seu amor.

## Divino

*Ermino Gomes Rocio*

Suaves matizes de beleza inigualável,  
chega a primavera os campos floridos,  
enchem o ar de perfumes e coloridos,  
pintura divina de esplendor imbatível.

Pôr do sol nos arredores do horizonte,  
o pássaro que voa em direção ao ninho,  
quem poderia lhe ensinar seu caminho,  
a não ser a mão sublime da Divina fonte?

No parque correm crianças em algazarra,  
sorrisos alegres em rostos tão inocentes,  
pulam e brincam de barquinho nas fontes,  
e a mão do divino protegendo toda farra.

A mãe sentada no banco olha a sua criação,  
protegendo seu rebento com o agudo olhar,  
a não ser Deus então eu me ponho a pensar:  
Quem poderia pintar com maior perfeição?

# *Indelevelmente*

*Carlos Hahn*

Na hora amarga do mate  
Já no arremate da noite  
Tua saudade me bate  
Tão rude como um açoite  
... indelevelmente

Quando o sol acende o dia  
Eu só vejo tua miragem  
Tu, saudade, não te apagas  
Tal qual uma tatuagem  
... indelevelmente

Nos prenúncios da manhã  
Estrelas pagãs eu apago  
Mas tua saudade me acende  
Como se fosse um afago  
... indelevelmente

A pena traduz as penas  
Quando te louva em verso  
Traz uma saudade imensa  
Do tamanho do universo  
... indelevelmente

A seiva morna do mate  
Que meu paladar aquece  
É o gosto de tua saudade  
Que inda em mim permanece  
... indelevelmente

Novo dia, lida nova  
Se renova essa saudade  
Que indelevelmente  
O meu coração invade  
... indelevelmente

Nos pelegos, dorme o cusco  
Ao lusco-fusco da aurora  
Só tu, saudade, não dormes  
E me acordas toda hora  
... indelevelmente

## Noite de vigília

Carlos Hahn

O sol poente da tarde,  
sem fazer qualquer alarde,  
descamba atrás da coxilha.  
Nessa hora, com meu verso,  
bem baixinho, eu converso  
e passo a noite em vigília.

O rubor do fogo-de-chão  
abrsa o meu coração  
e traz pra dentro o poente.  
E se acende em gauchismo,  
na chama do telurismo,  
minha alma, de repente.

Encilho mais um mate  
pra tercear ferrenho embate  
e a saudade derrotar.  
Num acorde de guitarra,  
minha alma solta as amarras  
pra o meu peito bordonear.

E minha alma assim se agita  
ao braseiro que crepita  
pra aquecer a melodia.  
Singro assim a madrugada,  
em vigília apaixonada,  
até raiar o novo dia.

E mesmo que sejam sonhos  
esses versos que eu componho,  
na poesia formam tropilha.  
São poemas de querência  
forjados na pura essência  
de uma noite de vigília.

## Os joões

*Carlos Hahn*

Com barro, bico e asas,  
lá no alto de um moirão,  
ele constrói sua casa  
e tem o nome de João.

Com braço, suor e dor,  
ele ergue um paredão;  
é um outro construtor,  
também chamado de João.

Esses dois trabalhadores,  
que erigem moradias,  
esquecem até das dores  
em sua diária porfia.

O João de asa e bico  
é somente um passarinho,  
mas sabe que é mais rico,  
pois é dono do seu ninho.

Já o João que é pedreiro,  
construtor de tantas casas,  
jamais se iguala ao oleiro,  
porque lhe faltam as asas.

Sabemos que o João oleiro  
constrói o seu próprio lar,  
não é pago com dinheiro,  
mas na obra vai morar.

Enquanto o outro João,  
que ante a ave é mais fraco,  
não possui a construção  
e vai morar num barraco.

## *Meu mundo virou fumaça*

*Carlos Hahn*

Cresci no vão das vielas  
Sob a luz fraca das velas  
A alumiar um pouquinho  
O escuro de nossa fome  
Que sempre vem e não some  
E no ventre faz seu ninho

Na pobreza que ali medra  
Me atiraram uma pedra  
Que me deixou fora de mim  
Achei que fosse a salvação  
Mas era apenas ilusão  
Era meu rumo para o fim

Num escuro canto de praça  
Meu mundo virou fumaça

## *Ana Terra, Pedro missioneiro*

*Carlos Hahn*

A chuva sussurra lá fora; cá dentro, a lamparina  
pintalga rubores de aurora na noite ainda menina.  
No rancho, a alegria se fazia na flauta do Missioneiro.  
Em Ana, a melodia acendia o seu coração em  
braseiro.

Ana Terra, por dentro, fremia, mas não queria se  
agradar  
dos encantos da melodia que trazia enlevos de luar.  
Por certo, cravava agulhas o som do índio  
instrumento,  
acendendo, nela, fagulhas, inflamando seus  
sentimentos.

Ana Terra, Pedro Missioneiro, numa flauta, o sopro  
do vento.

Ana Terra, Pedro Missioneiro, muito além do nosso  
tempo.

Ana Terra, Pedro Missioneiro, uma saga de  
sentimentos.

Paixão que se perdeu de amores na sanga conjugal,  
consumou-se em segredo, no enlace ritual.  
Mas, nem o tempo, nem o vento entenderam aquele  
sublime amor.  
Os Terra, em nome de sua honra, sem perdão,  
vestiram a filha de dor.

O olhar missioneiro já vira que era demasiado tarde,  
e o bugre se torna terra, naquele crime covarde.  
Nasceria um novo Pedro algumas luas mais tarde.  
Passou o tempo e o vento, mas a chama ainda arde.

## *Eu acredito num mundo plano*

*Carlos Hahn*

Se o mundo fosse um piano  
Onde preto e branco se afinam  
Eu aceitaria um mundo plano  
Sem ter embaixo ou em cima

Não haveria mais dissonâncias  
Somente acordes bem afinados  
Não haveria tanta distância  
Entre pobres e abastados

Numa orquestra, seu regente  
Imporia com sua batuta  
A inclusão de toda a gente  
Numa música bem mais justa

Eu quero um mundo plano  
Nessa nossa terra redonda  
Que nas teclas de um piano  
A igualdade fique de ronda

Brancos e pretos, lado a lado  
Todos na mesma direção  
No mundo plano do teclado  
Todos no mesmo diapasão

## A força da poesia

Carlos Hahn

No arrabalde da cidade  
No mercado lá da vila  
Se vê a desigualdade  
Que o pobre aniquila  
Que não compra nem metade  
Com seus parques pilas

Ontem só comprou osso  
Pra fazer uma sopinha  
É só carne de pescoço  
Sem maciez de maminha  
O que “sacou” aquele moço  
Que um dia fez arminha?

Na fome que nos invade  
Dia e noite, noite e dia  
Há uma ponta de vontade  
Afrontando a carestia  
É resistência, na verdade  
Força que vem da poesia  
Essa força não é armada

Mas a tudo ela resiste  
Seja escrita ou declamada  
Seja alegre, seja triste  
Está na alma entranhada  
Por isso nunca desiste

Nem tudo são poemas  
O espinho é parte da flor  
Se a alma não for pequena  
Passará além do Bojador  
E sempre valerá a pena  
Armar a alma com amor

## Atores mambembes

*Carlos Hahn*

Representam cenas de vida,  
fazem mímica pra ter pão.  
Quem sabe um prato de comida?  
Mas seu cachê é só um não.

A pantomima que apresentam,  
com seu figurino roto,  
mostra um elenco faminto,  
de pobres ratos de esgoto.

O dramaturgo desse texto  
é um autor desalmado;  
usa a fome por pretexto,  
em um drama mal encenado.

A esquina é seu palco;  
o semáforo, a ribalta;  
a calçada, um cadafalso,  
onde o algoz nunca falta.

No proscênio, estamos nós  
em nossos carros confortáveis.  
Fechamos o vidro pra voz  
candente desses miseráveis.

Somos claque oligofrênica  
que não assiste a (à) favela.  
E a mambembe arte cênica  
perde “ibope” pra novela.

A fome de nossas ruas,  
provém dos bastidores,  
onde fartam-se, em falcatruas,  
tantos “impolutos” senhores.

# O grito triste

*Giovana Schneider*

O silêncio está gritando em mentes inquietas  
É a dor que fere o coração  
Mensagens são enviadas  
Mas não são lidas e nem ouvidas.

A falta de empatia é geral  
Ninguém mais presta atenção  
Não enxergam e nem ouvem  
E isso já faz muito tempo.

A indiferença prevalece  
Nas ruas e guetos  
E maior ainda dentro dos lares  
Lá até quase não se reconhecem.

Cadê o sorriso sincero  
E o ser que era bom de coração  
Não, isso não existe mais  
Virou artigo raro  
É triste, mas é verdadeiro.

Olhares perdidos  
Procurando abrigo  
E o grito triste?  
Permanece preso na garganta.

# Mamãe

*Giovana Schneider*

Hoje é Dia das Mães  
Das Queridas Mamães  
Uma data para se comemorar  
Afinal, se aqui estamos  
Foi no seu ventre que repousamos  
Mãe é uma peça maravilhosa  
No Jogo da Vida  
Ela tem filhos e filhas  
Pode ser do Ventre  
Como também do Coração  
Você que tem o privilégio  
De ainda ter a sua nos caminhos desta Vida  
Trate-a com Carinho  
Algumas já estão com as memórias comprometidas  
Ou somente fracas  
E para outras os papéis já estão trocados  
Quem cuidou  
Agora necessita de cuidados  
Então, cuide  
Não como obrigação  
Mas sim de Coração.

## Sertaneja

*Giovana Schneider*

A tristeza foi sua companheira  
Na infância trabalhou  
Na pré-adolescência se casou  
É com ela que se acostumou.

Sua mãe de fome morreu  
Nada de bom apareceu em seu caminho  
Na sua existência tudo foi removido  
Que triste como isso ocorreu.

Vivia como podia  
Um dia tentou sorrir  
Se engasgou e o ar lhe faltou  
Não podia ter regalias.

Nasci na lida sem tempo de brincar  
Olhando para o tempo empoeirado  
Tentou sorrir, mas desistiu  
E na lida vou morrer, sem ninguém se importar.

## *Amor & vida*

*Giovana Schneider*

Amor da minha vida,  
Ou seria vida do meu amor?  
Agora fiquei confusa.  
Será que não existiria vida,  
Se não existisse o meu amor?  
Vejo que o amor é importante,  
Mas a vida, acredito, ser mais,  
Então, vamos fazer o seguinte,  
Eu vivo a minha vida,  
E depois penso no meu amor.

## *Belo acessório*

*Giovana Schneider*

Independentemente  
Do que esteja acontecendo  
Seja compulsório  
E pegue o seu mais belo acessório  
E vá se divertir  
Mesmo que seja de improviso  
Só não fique indeciso  
O acessório é seu sorriso  
Que estava lá  
Aguardando o momento  
Para se mostrar  
Sem querer saber  
O que está acontecendo  
É risório  
Até provisório  
Mas não deixa de ser  
Um Belo Acessório.

## *Haikai*

*Giovana Schneider*

dia cinzento  
fumaça espalhada  
Inverno triste

## *Raios e trovões*

*Giovana Schneider*

Quando o clima vai se formando,  
Primeiro, o raio corta o céu,  
Após alguns minutos, ouvimos o estrondoso trovão,  
Alguns cuidados são necessários,  
O poder destrutivo é grande.

Entretanto, uma coisa não podemos ignorar,  
É um espetáculo impressionante,  
Bonito de se olhar,  
A natureza revela suas belezas,  
Que assusta, e que também encanta.

## Vid@ human@

*Giovana Schneider*

Diversas sociedades marcaram a trajetória  
Da nossa querida humanidade  
Até já adentramos  
Na sociedade do conhecimento.

Mas o que nós queremos  
É uma sociedade humanizada  
E que acabe com tanta violência  
É uma realidade bastante lamentável.

E da igualdade que tanto se fala  
Ah, disso já estamos cansados  
Afim, a desigualdade impera  
É nessa sociedade que vivemos.

O que precisamos é de uma modificação  
Lutar pela igualdade é ser marginalizado  
A falta de acesso a direitos básicos  
É preciso encontrar caminhos para transformação.

Também temos a sociedade da informação  
Estamos retrocedendo a época feudal  
Onde os que detêm o poder  
São os proprietários dos meios de comunicação.

A luta está longe de acabar  
Mas nós não vamos fraquejar  
Igualdade e respeito  
Um dia lá nós vamos chegar.

“Muitos com pouco, e poucos com muito”  
Uma velha frase que continua tão atual  
Presenciamos em discursos politiqueiros  
E na “@desumildade” das redes sociais.

O objetivo aqui é promover uma reflexão  
Contribuir para uma conscientização  
É preciso uma mobilização  
Em torno dessas questões.

## *Um ser especial*

*Giovana Schneider*

Como está no dito popular:  
Quem ama o feio, bonito lhe parece,  
Isso é uma grande verdade.

E como raiz de uma terra seca  
Não tinha beleza nem formosura  
Mas nele havia algo especial.

Na bíblia consta, basta folhear  
E você vai encontrar em Isaias 53:2  
Se é verdade não sei...

Refere-se à aparência do Servo de Deus, o Messias,  
Como uma raiz em terra seca, sem beleza aparente,  
A descrição enfatiza a falta de atrativo externo.

Que contrasta com a sua grandeza espiritual,  
E missão de sofrimento e sacrifício por nós,  
A beleza externa...  
Então, não é disso que estamos falando.

# Versar

*Maria Clara Rosa*

Poesia é quando  
As palavras criam asas  
Sem ter medo de voar  
É encontrar com nosso avesso  
Aquele menino travesso  
Que tudo pode, tudo sonha  
É entregar-se ao impossível  
Viver o invisível  
Amar-se, encantar-se  
Com as coisas mais pequenas  
Dançar na chuva  
Brincar com barro, com vento  
É dar luz ao invento  
É pintar sem pincel, sem luva  
É nadar no mar revolto  
É estar livre e solto  
É se entregar ao infinito  
Ver o mundo mais bonito  
Neste ato de versar!

# Mãe

*Maria Clara Rosa*

Meu eu criança fez seu voo  
De retorno ao ninho materno  
Aquele colo macio e terno  
Que nunca nos abandona  
Foi nele que descobri minha força  
Na calma de mulher valente...  
Libertou os ais que o coração sente  
Fez lutar, impulsionou para frente!  
A Criança entrelaça com a Mulher  
Faz acordar, ir atrás do querer  
Afogar o medo no verbo vencer  
Sorrir, transformando o sofrer  
Aquecendo no peito a esperança.  
Que alimenta o Eu Criança  
Num rodopiar de liberdade  
Surge o arco-íris da Eternidade!

## *Pássaro sestroso*

*Maria Clara Rosa*

A ideia é um pássaro sestroso  
Aparece num repente  
Senta e faz seu ninho calmamente  
Escolhe seu agasalho  
Se encanta, com o melhor galho  
Buscando o aconchego  
Fica ali, como eternizando  
Mas num repente sai voando  
Desaparece para não voltar  
Adormece em outro canto  
Vira borboleta, pousa numa flor,  
Perfumada, com qualquer cor  
Um dia... ela se anima, cria forma  
Por encanto, me transforma  
Faz morada, se mostra, é parida  
Se faz real, para vir, ganha vida!

## *Bordando recomeços*

*Maria Clara Rosa*

Iniciamos um novo ano  
Com bagagens de experiências  
Aprendizagem e vivências  
Que Deus colocou no caminho...  
Ensinando que os tropeços  
Bordamos com recomeços  
Mil pontos de carinho!

São remendos que ao fazer  
Juntamos muitos retalhos  
Uns lindos, outros, atrapalhos  
Que ao frigir dos ovos...  
Fazem parte da história  
Deixam marcas na memória  
Preparação pra tempos novos.

Tempo em que a Natureza  
Chora triste suas dores  
Que a Mãe Terra pariu flores...  
Entre pedras e desertos!  
Tamanha força, vai além  
Morre o mal e vence o bem  
Percorrendo caminhos certos.

## *Florescer*

*Maria Clara Rosa*

Eu me chamo Experiência  
Minha bagagem é intensa  
Um aprender que não cansa  
Sempre ansiando por mais  
Um coração, porta aberta  
Com menor sinal desperta  
Para a entrada do jamais.

Jamais te deixo sozinho  
Sem a luz da minha mensagem  
O florescer desta passagem  
Pela vivência no mundo  
Deus em sua amplitude  
Mostra o quanto somos rudes  
Para seu amor profundo!

Jamais hei de esquecer  
Que velhice não existe!  
Porque o pensar persiste  
Num voo para amplidão...  
Num amanhecer que renova  
Querer diário, posto à prova  
Deslumbrado em gratidão!

Jamais me entristeceram  
As marcas do meu rosto  
Cada uma tem seu gosto  
Traduz toda a minha história  
Umas amargas, outras, docuras  
Que bailam em partituras  
Ao longo da trajetória!

Sou um misto de bem-querer  
Herança viva dos meus pais  
Tesouros que o tempo jamais  
Apagou no esquecimento  
São brasas que se mantêm  
Aquecendo além, do além  
Candeias do pensamento!

## *Memória prateada*

*Maria Clara Rosa*

Cantarola o vento, é outono.  
Folhas amareladas, no chão  
Pintam de dourado, a estação  
Bênçãos divinas são presente  
É outono, frutas amadurecem  
É manjar, que nos oferecem  
A natureza parindo, incessante!

É outono, na vida ele existe  
É outono, o cabelo embranquece  
A memória prateada aquece  
Cheia de luz, vem pomposa...  
Mostra a história que vivemos  
Os frutos que já tivemos  
É o outono cor de rosa!

É outono, as estrelas brilham  
O céu fica mais bonito  
É um olhar bondoso, infinito  
Que vê além, muito além  
Pinta com nuances, colorida  
Tons bailam, alegam a vida...  
Uma melodia que só faz bem!

É outono, que nos convida  
Para a festiva esperança  
Na inocência da criança...  
No quero-quero, gritando  
Para defender seu ninho.  
É voo livre do passarinho...  
Outros pagos , buscando!

## *Palavras perfumadas*

*Maria Clara Rosa*

Quando as palavras se encontram  
Em um Sarau de Poesias  
É um bailado de energias  
Um rodopiar de emoções!  
Os pensamentos criam asas  
Voam livres, saem das casas  
Entoando lindas canções!

São flores perfumadas  
Coloridas, encantam o mundo,  
É um sentimento profundo  
Que reúne graça e leveza  
Renova, nasce a confiança  
Brilha a luz da esperança  
Sintonia com a natureza!

Sementes de harmonia  
Plantadas no solo da alma  
Regadas com afeto e calma  
No jardim do coração  
São palavras que acalentam  
Ninhos de amor alimentam  
Para Deus, só gratidão!

O que aqui se passou  
E que fez nossa história  
Cheia de luz e de glórias

## *A rua menina*

*Maria Clara Rosa*

A rua que nasce  
Faceira e frágil menina  
alegre, fascina  
Em suas lembranças  
Bicicleta que desce  
Atropela, adormece  
Fazendo lambança

A bica, no fim da ladeira  
Água pingando da lata pintada  
É lágrima saudosa, encantada  
Rememora doce infância  
Brincadeira que anima  
Revive, criança traquina  
Que não vê hora, nem distância

Outros anos, outras crianças  
Fazendo artes, jogando na rua  
Pulando fogueira, namorando a lua  
Crescendo, saudades deixando  
E a rua continua aceitando tudo  
No seu bailado eterno, mudo  
Guardando, esperando... esperando!

## *Lagoa dos Barros, Capital Viva da Esperança*

*Daiçon Maciel da Silva*

Nós somos da terra onde há só uma lagoa  
Da terra onde há muitos canaviais  
Não há quem não morra de amores  
Pela nossa lagoa de águas claras.

Esse luar de cores e de sonhos ainda tão possíveis  
De tantos saberes e crenças populares  
De bela água e calorosa gente  
É o nosso endereço no verão, o nosso lugar  
Essa é a nossa grande e rica lagoa.

Lagoa, nosso norte, nosso livro, nosso canto no cio  
Nosso berço encantado nas águas claras de abril  
És observada de Montenegro, do Canta Galo e da  
Borússia  
És de bela vista, és lagoa, és Brasil.

Espelho de lua, símbolo do grande pedaço azul do  
planeta  
Mas esse universo verde e de água, fica pequenino  
na discussão  
Não podemos conter a esperança dos que vivem  
neste chão.

Chão de barro, beira de areia, onde a chuva nasce e  
também fica  
Lagoa, és o mais precioso manancial lacustre da  
região  
Vivemos de ti e viveremos de ti; este direito ninguém  
nos tira  
Lagoa, estás na boca do mundo e no olho vesgo da  
cobiça  
Foste plantada pelas mãos da natureza.

## *Santo Antônio da Patrulha, 200 anos*

*Daiçom Maciel da Silva*

Hoje...

Formando 78 municípios  
que a todos encantam.

O nosso...

Cortado por rios, linda lagoa,  
muitos arroios e tantos recantos.

Sol forte! Com linhas de brumas...

E ventos de véus a singrar seus campos.

Há fauna, há flora, há orquídeas nas árvores.

Há também, banhado, encosta, várzea e serra.

Compondo no horizonte, nossa história,  
nosso orgulho, nossa gente, nossa memória.

Jacaré... (do papo amarelo).

Marreca... (do pé e do bico vermelho).

Traíra e peixe dourado.

Rios e banhados

a cursar viagem infinita e sem embarcação.

Em prosas e versos...  
Ou outros tantos títulos.  
XX Raízes...  
É a narrativa da nossa religiosidade, cultura e folclore.  
Nossos sonhos reais.  
Pois somos sangue raças e cérebros.  
Pirâmides de vidas.

Universidade que chega  
para sempre ficar...  
Tal um filme com astros, fama e roteiro.  
Moderna engrenagem  
para a vida futura edificar.

Sol e lua derramam seu brilho sobre o verde,  
os casarios e as pessoas.  
Abençoando nosso rico patrimônio turístico e cultural.  
Nossos artistas e artesãos...  
Que no sossego do trabalho e dos sonhos,  
inspiram-se no cenário de grandeza  
revelado na palha, argila e tecido.

Destinos de um feliz navegar.  
Representados nos mosaicos de telas em luzes voltaicas.  
Precisa... Imprecisa, é a vida sem par...  
Forjada em esforços...  
De brisas bem-vindas,  
Contadas, escritas, pintadas nas cores do prisma da vida,  
Nos galopes e nos encantos de todas as “Raízes”  
advindas de Santo Antônio da Patrulha, minha terra  
querida.

## *Nossa Terra, Nossa Gente*

*Daiçon Maciel da Silva*

Santo Antônio da Patrulha, terra de natureza exuberante,  
Onde várias etnias enriquecem teu chão.

Índios, Negros, Imigrantes Europeus, Portugueses dos  
Açores.

Dessa cepa forjou-se um povo singular, de garra e de fé.  
Cidade palco/espetáculo de vida, muito bom lugar para  
viver.

Hoje acolhe moradores, turistas e empreendedores.  
Recebe todos, que por ela se enfeitizam,  
e não querem mais deixá-la.

Terra dos carnavais, do sonho, da rapadura,  
também dos carnavais.

Agosto é feito de festa, mês da Moenda e da Fenacan.  
Recanto dos mil encantos, chão da gastronomia  
e de tantas outras festas das muitas etnias.

Nela tem-se a Lagoa dos Barros, protegida pela “Noiva”,  
esculpida e assobiada pelos ventos.  
Rica praia, fauna e flora, a emoldurar  
o mais lindo lugar e o mais lindo luar para se sonhar.

Antônio é o teu Santo padroeiro,  
Santo Antônio casamenteiro.  
Rica é tua natureza,  
e junto dela seu povo, outra preciosa riqueza.

Na fonte imperial  
há musicalidade no gorjeio das aves a festejar.

Nas encostas dos teus morros emparedados,  
entre os sons e o silêncio das madrugadas  
para encanto de todos que se deleitam ao luar.

Santo Antônio da Patrulha,  
teu patrimônio histórico é inigualável,  
inestimável e abençoado.  
Dos casarios, das descendências, hábitos,  
tradições e cultura.  
Revistar tua história nos alimenta a alma,  
Une-nos e alça como patrulhenses/protagonistas de  
um filme de astros e belo roteiro com sucesso garantido.

Isto é Nossa Terra e Nossa Gente – Santo Antônio da  
Patrulha.

## *Mulher, a Mais Linda das Caminhadas*

*Daiçon Maciel da Silva*

A mulher menina  
A mulher adolescente  
A mulher do encanto  
A mulher, mulher  
A mulher definição  
A mulher do amor  
A mulher casamento  
A mulher do ventre  
A mulher gestante  
A mulher mãe  
A mulher do carinho  
A mulher do afeto  
A mulher da admiração  
A mulher de sempre e para sempre.  
Uma caminhada em busca de respeito,  
De direitos iguais, de felicidade, de segurança,  
De carinho e de amor.  
Uma caminhada que começa todos os dias  
E que não termina nunca.  
Uma caminhada para quem tem força  
E a determinação de enfrentá-la.

# O Renascimento

*Daiçon Maciel da Silva*

Com muito amor escrevo esta poesia.  
Para ti que lê, para mim, que deixo a marca de uma  
recordação  
e para todos que ainda colocarão aqui sua visão.  
Pela sabedoria que o Criador me deu para escrever,  
vou deixando nela a minha eterna gratidão.

Em cada vida nesta terra, parece que  
somos majestosos, mesmo na dor.  
Deixando, após a morte, a esperança do renascimento.  
Espalhando no ar o amor que sempre doamos,  
como semente para as almas desse novo nascimento.

E, na nova vida, que venha um belo jardim.  
Com flores coloridas, cheirosas,  
onde seu perfume jamais será esquecido.  
O aroma das pétalas do lindo pé de jasmim.

Nele, vamos morar em nós mesmos.  
Deixando sempre as janelas abertas,  
para sentir o sopro do vento,  
trazendo o amor e os afetos que deixamos.  
Serão só boas lembranças neste renascimento.

## O Rio Grande e as Enchentes

(um grito, um lamento, uma esperança)

*Daiçon Maciel da Silva*

Foram semanas e semanas  
para que as águas recuassem,  
voltando devagar aos leitos  
dos rios, arroios, riachos -  
artérias do nosso Rio Grande.  
Dos 497 municípios,  
450 sangraram.  
Foi um dilúvio,  
sem precedentes.  
Sem perdão.  
Muitos perderam tudo,  
ficaram apenas com o corpo  
e a coragem.  
Outros... nem isso.  
Sumiram, levados pela fúria líquida  
de uma natureza em resposta.  
Milhares buscaram abrigo,  
em tetos provisórios,  
em colos de estranhos  
que viraram irmãos.

Animais mortos,  
outros perdidos.  
Alguns salvos,  
acolhidos em triagens  
onde o amor resistia.  
A cadeia produtiva foi aniquilada.  
Rodovias, pontes, encostas...  
Desabaram.  
Caminhos bloqueados,  
povos ilhados.

Faltou água potável.  
Faltou luz.  
Faltou chão, faltou casa.  
E ainda falta,  
em bairros, vilas, interior.

A lavoura morreu afogada.  
As prateleiras dos mercados  
gritaram vazias.  
O preço da comida...  
um susto atrás do outro.  
A dor tem peso e valor.  
O aeroporto Salgado Filho silenciou.  
Fechado.  
Prejuízos incalculáveis  
ao turismo, à economia.  
Ao cotidiano.  
À esperança.  
O Rio Grande estagnou.  
Serviços, comércios, indústrias.  
Pararam.  
Milhares perderam o emprego,  
e tantos outros

seguiram pendurados na incerteza.  
Mas entre a lama  
surgiu a solidariedade.  
Voluntários, daqui e de fora,  
mergulharam em águas sujas,  
sem medo,  
sem sono,  
sem descanso.  
Salvaram vidas.  
Humanas.  
E também aquelas que latem, miam, olham nos  
olhos.  
Salvaram o que podiam.  
Com doações,  
com abraços,  
com mãos estendidas.  
Aos poucos fomos nos reerguendo.  
Aos poucos o Rio Grande dá a volta por cima,  
se fez “forte, aguerrido e bravo”.  
Como o cavalo Caramelo, que se manteve vivo,  
no telhado do galpão alagado e  
se tornou símbolo da resistência.

Que essa dor nos acorde.  
Que essa tragédia nos ensine.  
Não mais povoar as margens frágeis,  
não mais ignorar os diques,  
as bombas,  
a manutenção do que nos protege.  
A hora chegou.  
A mudança é agora.  
E que “sirvam as nossas façanhas”  
- com toda a dor que elas carregam -  
“de modelo à toda Terra”.

# Diversidade

*Daiçon Maciel da Silva*

Negros trazidos da África.  
Escravos... Destruídos de sua cultura... Suas vidas.

Índios, donos da terra.  
Usados nas guerras... Minados nas epidemias.

Brancos! Donos da verdade... Vaidades de sobra.  
Diversidades... Sem tonalidades... De gênero... De raça.

As mulheres também “não existiam”.  
Lutavam por liberdade... Respeito.  
Acesso ao voto... À educação... Lilás que não existia.

Diversidade cultural.  
Democracia racial... e irracional.  
Tudo parecendo uma encenação... teatral.

Ah! Este cenário histórico.  
Patriarcal e sem direito a voto... Sem educação,  
Sem moradia... Sem trabalho... Sem respeito.

Vejam! Algumas revistas... Leiam!  
Os registros da história.

Diversidades que para muitos machucam.  
Programas... Reportagens, ainda bem.

Diversidades  
Passado  
Presente  
Futuro...

## Quem somos

**Claudio Reguly**, 51 anos, veterinário, gaúcho de Pelotas, vivendo em São Lourenço do Sul, terra de todas as paisagens. Apaixonado pelo mundo da poesia, e na escrita encontra o lugar perfeito para organizar as emoções e sossegar os pensamentos.

**Carlos Roberto Hahn** é natural de Taquara, bancário aposentado, revisor de textos, poeta e compositor. Mora em Nova Tramandaí, com sua esposa Silvana e 16 amigos caninos. Graduado pela Unisinos, com licenciatura em Letras Português/Inglês e especialização em revisão textual.

**Cleia Dröse** é natural de São Lourenço do Sul. Nasceu numa noite de primavera, na década de 50 do século passado. Profissionalmente, dedicou-se ao Magistério, mas é a literatura que preenche seus dias na maturidade. Para ela, a poética é sempre uma imersão num Universo paralelo, em que a voz que grita é de um outro “eu”, não o ego consciente daquela que vive em sociedade.

**Daíçon Maciel da Silva** é engenheiro civil (PUCRS), com mestrado em Estruturas (UFRGS). Foi pesquisador, diretor executivo e presidente da Fundação de Ciência e Tecnologia – CIENTEC. Foi professor no curso de Arquitetura e Urbanismo no UNIRITTER e no curso de Engenharia Civil da UNISINOS. Foi vereador de Santo Antônio da Patrulha (1993/1996), vice-prefeito (2001/2006) e prefeito (2007/2008), (2009/2012) e (2017/2020). Em 2010, presidiu a Granpal (Assoc. de Municípios

da Região Metropolitana de Porto Alegre) e atuou como consultor do PNUD/ONU - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. É autor dos livros “Estruturas, uma abordagem arquitetônica” e “Diário de um Prefeito”. Escreve artigos para os jornais Folha Patrulhense, Correio do Povo, NH, ZH e Jornal do Comércio. Foi colunista do Jornal Folha Patrulhense. É membro do Grêmio Literário Patrulhense, onde participa da Antologia Poesia na Praça, Prosa na Varanda e Enquanto Isso em Santo Antônio. Também participa das publicações Autores Gaúchos, desde 2009.

**Edmilton Torres** é natural de Pesqueira/PE. Foi membro da Academia de Letras de Pesqueira/PE e de outras associações de poetas. Lançou dois livros solo de poesias e participou de 20 coletâneas de poesias e contos. Participou de nove edições do Festival Vamos Fazer Poesia/Literatura de Cordel, em Serra Talhada/PE, sendo premiado em cinco edições. Escritor de estilo versátil, publica seus textos no site Recanto da Letras e no Blog O Abelhudo.

**Ermindo Gomes Rocio** é mineiro de Juiz de Fora, onde se formou em Engenharia Civil em 1971. Desde cedo descobriu o gosto pela leitura e por escrever seus próprios textos e poesias. Nunca teve a intenção de publicá-los, a não ser entre amigos e família. Mais tarde, encontrando vários poetas e poetisas, com o advento da era digital amadureceu a ideia de publicá-los então lançou três livros, intitulados A Vida e Eu, A Vida e Nós, A Vida e o Tempo, mantendo a mesma filosofia de divulgá-los apenas aos familiares e amigos, ou de iniciativas como esta, da qual participa com seus poemas.

**Giovana Schneider** vive em Marechal Floriano, na região serrana no Estado do Espírito Santo. Escritora e jornalista, já com alguns livros publicados, sendo de poemas, romance, contos (sendo 1 do Detetive Abelha e suas aventuras investigativas) e o livro reportagem de Marechal Floriano que já

está na segunda edição. Com participação em várias antologias de poesias e contos em editoras do Brasil. Colunista no Portal Notícia Capixaba, já está quase finalizando a graduação em Filosofia. Sócia-fundadora da AFHAL (Academia Florianense de História, Artes e Letras “Flores Passinato Kuster”), no qual está ocupando o cargo de Diretora Editorial. É sócia correspondente do CEL — Centro de Escritores Lourencianos, no RS. Mantém um blog desde 2010: “Cada um de nós compõe a sua história”. Tem como lema “Escrevendo, liberto os meus fantasmas.”

**Maria Clara Rosa** é natural e residente de Pelotas/RS. Tem 80 anos e possui sete filhos, onze netos e sete bisnetos. Poeta, pedagoga, professora de Educação Artística e Funcionária da Biblioteca Pública de Cristal/RS (onde realizou vários projetos de incentivo à leitura) aposentada. Considera a sua família a mola propulsora do que é hoje. Têm poemas publicados nas antologias “Jardim da esperança” e “Rua dos Ventos”. É autora de Bordados Poéticos. É uma mulher inspirada, que tem o dom da palavra e o usa para alegrar e emocionar a vida de quem o cerca.

**Marilu F Queiroz** é publicitária, escritora e aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP. Associada REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, EUA, França, Itália e Suíça.

**Luiz Nicanor Araújo da Silva** nasceu em Santo Antônio da Patrulha em 08/04/44. Formou-se em Medicina em 1974. Publicou cinco livros de poesias, três de contos e um de crônicas. É membro da Casa do Poeta Rio-grandense e do Grêmio Literário Patrulhense. Publica regularmente em vários periódicos e antologias, sendo um dos invictos do Poesia na Praça, já no volume XXXVI, e em três volumes do Raizinha. Registra per-

to de 600 textos publicados e vários prêmios literários. Em 2012 foi o Patrono da II Feira do Livro; em 2015, brindado com a obra do Mestre em Literatura Eduardo Jablonski: Biografia Literária de Luiz Nicanor; em 2020 foi o autor homenageado na XXXI Antologia Poética Patrulhense Poesia na Praça, e homenageado no Farol Literário de Torres, pelos admiráveis literatos Joaquim Moncks e Paulo Timm.



pragnatha



“Sussurros da Alma” não é uma carta, mas um bilhete. Não é uma sinfonia, mas um breve dedilhado ao violão. É a casinha no campo que a cada estação experimenta uma luz diferente e faz morada para o simples do cotidiano. Este livro chega como um toque leve, suave, que honra as delicadezas.

